

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ANDERSON PACHECO CAVALCANTE  
NAELYNE LOPES DA SILVA  
SHIRLEI DE CASSIA CORDEIRO DA SILVA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

RECIFE/2022

ANDERSON PACHECO CAVALCANTE  
NAELYNE LOPES DA SILVA  
SHIRLEI DE CASSIA CORDEIRO DA SILVA

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA:  
DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professor Orientador: Me. Hugo Christian de Oliveira Felix

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

C376p Cavalcante, Anderson Pacheco  
O processo de alfabetização da criança com tea: desafios e  
possibilidades. / Anderson Pacheco Cavalcante, Naelyne Lopes da Silva,  
Shirlei de Cassia Cordeiro da Silva. Recife: O Autor, 2022.

19 p.

Orientador(a): Prof. Me. Hugo Christian de Oliveira Felix.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Pedagogia, 2022.

Inclui Referências.

1. Alfabetização. 2. TEA. 3. Educador. I. Silva, Naelyne Lopes da. II. Silva,  
Shirlei de Cassia Cordeiro da. III. Centro Universitário Brasileiro - Unibra.  
IV. Título.

CDU: 37.01

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
<b>2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>06</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>07</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA: desafios e possibilidades

Anderson Pacheco Cavalcante

Naelyne Lopes da Silva

Shirlei de Cassia Cordeiro da Silva

Hugo Christian de Oliveira Felix<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo entender como ocorre o processo da alfabetização da criança com Transtorno de Espectro Autista (TEA). A pesquisa será de cunho bibliográfico, exploratório e qualitativo. Geralmente, a alfabetização desse público vem acompanhada de vários desafios, dentre os quais se destacam as dificuldades e as possibilidades que o educador tem neste processo com a criança que apresenta o Transtorno do Espectro Autista. Intentamos encontrar e analisar conceitos do que é TEA, descrever as suas características, explicar os fatores que mais dificultam o processo de ensino e aprendizagem e refletir sobre como o professor pode intervir de forma positiva nesse processo. Diante do que foi pesquisado constata-se a importância de a criança com esse transtorno ser alfabetizada, mesmo sabendo dos desafios e da necessidade de acompanhamento de uma equipe multidisciplinar. Compreendemos que é essencial uma formação continuada para o educador, assim ele terá mais facilidades em compreender o mundo autista. Percebemos que cada criança tem seu ritmo de aprendizagem e varia muito a depender do grau do autismo.

**Palavras-chave:** alfabetização; TEA; educador; possibilidades; desafios.

### 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa científica verificou como o processo de alfabetização da criança com Transtorno de Espectro Autista (TEA) ocorre, destacando-se também os desafios e as possibilidades envolvidas. Sabemos que não se trata de um processo simples, tendo em vista as dificuldades de alguns educadores e escolas para lidar com alunos que tenham este transtorno. Muitas vezes, a falta de preparação dos profissionais que recebem esses alunos nas escolas, impacta diretamente na forma de como acolher e trabalhar com eles, pois é necessária uma abordagem diferente.

---

<sup>1</sup> Professor na UNIBRA. Mestre em Gestão Empresarial. E-mail: hugo.christian@grupounibra.om

A formação do educador e o seu conhecimento científico a respeito do assunto tornam-se essenciais para a identificação do Transtorno. Apesar de sabermos que existem vários graus de Autismo, desde o mais leve até o mais severo, a criança com Autismo apresenta algumas características que poderão interferir na sua aprendizagem.

O comprometimento na criança autista, pode ocorrer em três níveis de gravidade. No nível um, o indivíduo exige apoio; no nível dois, exige apoio substancial; no nível três exige muito apoio substancial. (APA, 2014 *apud* HELENO et al., 2020)

Então nos perguntamos o que fazer diante desse grande desafio. O primeiro passo a ser dado será o de conhecer o seu aluno, seus afetos, seus interesses, pois, partindo disso, será possível trabalhar com a criança exercícios que ajudarão a melhorar sua atenção. Não precisamos de esquemas complexos ou mirabolantes para aplicar ideias pedagógicas. O nosso cotidiano é feito de coisas simples. Quanto mais associarmos a prática escolar a conteúdos significantes, mais tornamos a experiência do aprendizado profícua:

No contexto da integração escolar, na década de 1980, já ficavam notórias as diferenças nas interações dos professores com alunos da educação especial. Percebia-se que os alunos com necessidades especiais, quando comparados aos alunos da educação regular, tinham menos oportunidades para o desenvolvimento mais efetivo nas atividades de ensino (ALVES-MAZZOTTI, 1983 *apud* CUNHA, 2020, p. 34-35).

Por isso é importante essa “sensibilidade” do educador, pois ele é um agente de grande importância nesse processo de diagnóstico e adaptação do ensino para com essa criança.

Essa temática foi pensada devido a dificuldades que percebemos que educadores têm em alfabetizar alunos com TEA e a dificuldade dos próprios alunos. Vimos o quão importante é mostrar o porquê desses alunos terem dificuldades nessa etapa e o porquê de muitos educadores não se sentirem seguros em trabalhar a alfabetização com esse público-alvo. Para Freitas e Montalvão (2021, p. 8):

A alfabetização é um grande desafio para todas as crianças, e não é diferente para as crianças com TEA, mas os professores não podem afirmar que crianças com TEA não podem ser alfabetizadas devido a suas características e dificuldades.

Diante disso, percebemos que a falta de informações vem afetando grande parte dos educadores quando se deparam com discentes autistas na fase da

alfabetização, pensando nisso se faz importante essa temática para orientar educadores nesse processo. Iremos contribuir de forma objetiva a respeito desses desafios enfrentados e suas possibilidades de ensino e aprendizagem que trarão grandes ganhos à sociedade. Segundo Queiroz e Ferreira (2018), muitas escolas do ensino regular não estão totalmente preparadas, aptas para a chegada das crianças autista, precisam melhorar em diversos aspectos. Mas é de extrema importância que as escolas procurem melhoras e revejam sua didática para possibilitar aos estudantes um ensino de qualidade.

O processo de alfabetização é trabalhado com os alunos autistas aos poucos, de forma mais lenta, é um processo contínuo. Essa aprendizagem varia muito de escola para escola, porém tem algumas que possuem mais recursos e orientações, tornando a aprendizagem um pouco mais rápida que outras, precisamos levar isso em consideração. A alfabetização das crianças autistas, na escola, varia muito dependendo do seu grau, tem umas que possuem menos dificuldades que outras, fazendo com que esse processo seja mais rápido.

O objetivo da presente pesquisa é certamente compreendermos os desafios e as possibilidades envolvidas no processo de alfabetização dos alunos com o transtorno do espectro autista.

## **2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa com caráter exploratório e bibliográfico, para tanto utilizamos como fontes de pesquisas livros e artigos científicos. Em uma pesquisa bibliográfica, procura-se informações em obras já existentes. Com esse tipo de pesquisa não são trazidas informações novas sobre o assunto pesquisado, mas ela possibilita trazer informações atualizadas em sua pesquisa.

Segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico, o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados para apoiar o trabalho científico.

A pesquisa exploratória busca compreender melhor o tema abordado, buscando informações, levantando hipóteses e fazendo sempre análises do determinado assunto. De acordo com Severino (2007 apud DEL-MASSO; COTTA;

SANTOS, 2014), a pesquisa exploratória busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. Na verdade, ela é uma preparação para a pesquisa explicativa.

A pesquisa qualitativa é baseada em coletas de dados que procuram compreender e descrever resultados da pesquisa obtidos de forma clara e objetiva. Segundo Proetti (2017), a pesquisa qualitativa é realizada normalmente no local de origem dos fatos (objetos de estudo) e tem por objetivo demonstrar os resultados pelo sentido lógico/coerente que eles apresentam, ou seja, o sentido lógico que resulta do tratamento científico empenhado pelo pesquisador. Esse tipo de pesquisa possibilita investigar os fatos e compreendê-los no contexto em que eles ocorreram ou ocorrem, pois o pesquisador vai a campo para levantamento e coleta de dados, analisa-os para poder entender a dinâmica dos fatos.

Livros e artigos científicos nos auxiliaram a dar um melhor embasamento teórico no qual nos favoreceram como discente para a nossa linha de pesquisa. Algumas dessas obras que utilizamos foram: Miranda et al. (2019), Brites e Brites (2019), Cunha (2012), Barbosa e França (2020), Freitas e Montalvão (2021), Santos e Batista (2016). As obras citadas acima explanam sobre a mediação do educador em sala de aula com alunos com TEA, conceitos, características do autismo e como se dá a alfabetização da criança autista.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Traremos aqui os pensamentos de alguns autores, estudos e problemáticas acerca do tema, com intuito de chamar a atenção para algumas questões e refletirmos sobre elas.

A inclusão na educação especial é extremamente importante pois é a garantia da permanência das crianças na escola respeitando as suas limitações, as suas diferenças. Segundo a lei de diretrizes e bases da educação, a Lei nº 9.394/1996 deixa claro que:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

A educação especial se faz presente dentro educação inclusiva. A inclusão é incluir todos em um mesmo contexto social, sem distinções, sem discriminações.

Incluir é fazer todos se sentirem pertencentes ao mesmo ambiente. De acordo com Brasil (2010, p. 12 *apud* BATTISTI; HECK, 2015):

Em 1999 o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853-89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Ao passar dos anos os estudos vem cada vez mais avançando e hoje podemos identificar mais facilmente síndromes, transtornos, superdotação entre outros. Para ser identificado na criança alguma especificidade é necessário que a família e escola estejam atentos a possíveis sinais. Uma das especificidades existentes muito conhecida é o transtorno do Espectro autista conhecido como TEA.

O transtorno do espectro do autismo (TEA) é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos (CARDOSO et al, 2019).

Segundo Souza, Marques e Pereira (2018), a palavra “Autismo” deriva do grego “autos”, que significa (si mesmo + ismo = disposição/orientação). A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia.

A primeira pessoa a publicar sobre o autismo foi Leo Kanner, psiquiatra infantil, em 1943. Logo em seguida, em 1944 Hans Asperger também iniciou sua pesquisa sobre o transtorno. Kanner (1943) observou todas as características desde a dificuldade de interação social, dificuldade de adaptação e as reações na mudança de rotina além de observar boa memória, sensibilidade aos estímulos especialmente som, bom potencial intelectual a propensão para repetir palavras do orador. Kanner acreditava na inteligência dessas crianças (KANNER,1943 *apud* SOUZA; MARQUES; PEREIRA, 2018).

Segundo Souza, Marques e Pereira (2018), o psiquiatra conclui seu trabalho, presumindo que o Autismo origina-se de uma inabilidade de estabelecer um contato afetivo habitual e natural previsto com as pessoas chamando a atenção para a necessidade de estudo que forneçam “critérios concretos” sobre os componentes constitucionais da reatividade emocional.

Um dos primeiros, diríamos que até o principal, fator a se considerar em relação à criança com suspeita do transtorno de espectro autista, é diagnosticar de forma correta, o transtorno na criança e/ou adolescente. É uma descrição dos aspectos relacionados ao desenvolvimento da criança, como descrito por Volmar e Klin (2005, p.27 apud FRANÇA; BARBOSA, 2020), o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autista (TEA), por sua vez, serve basicamente para descrever e esclarecer alguns aspectos associados ao desenvolvimento da linguagem da criança, situando-a numa categoria de indivíduos sobre os quais uma grande quantidade de informações valiosas foram acumuladas, sobre o curso e prognóstico do transtorno, sobre a resposta aos vários tipos de tratamento e sobre os fatores de risco e proteção envolvidos.

Após isso, faz-se necessário um trabalho em conjunto com alguns profissionais para que seja possível acolher e dar a melhor assistência àquele aluno, como disse Belizário (2010 apud FRANÇA; BARBOSA, 2020) a escola, naquele momento, é uma experiência desconhecida e de difícil apropriação de sentido e propósito pela criança. [...] Mediante as dificuldades iniciais, as escolas recorrem a todo tipo de tentativa de acolhimento do aluno. Essa é uma atitude absolutamente compreensível, embora sejam importantes alguns cuidados. O autismo não tem cura, pois não é uma doença, e sim uma condição neurológica.

Trata-se de um transtorno pervasivo e permanente, não havendo cura, ainda que a intervenção precoce possa alterar o prognóstico e suavizar os sintomas. (CARDOSO et al.,2019)

Foi verificado através de estudos a probabilidade de meninos possuir mais chances de ter o autismo do que as meninas. Segundo Cardoso et al. (2019), nos confirma que sua prevalência é maior em meninos do que meninas, na proporção de cerca de 4:1<sup>8</sup>. Estima-se que em torno de 30% dos casos apresentam deficiência intelectual.

O autismo pode marcar a área da interação social, da comunicação e do comportamento, mas isso varia muito dependendo do grau do autismo, que pode ser classificado em grau leve, moderado ou severo:

Com relação à interação social, a criança apresenta déficits severos na capacidade de iniciar, responder, manter ou estabelecer interações com as pessoas. Os prejuízos na comunicação são compreendidos pela ausência da fala e, quando existente, muitas vezes, apresenta ecolalia, ou ainda a

criança tende a não utilizar a fala para fins comunicativos. Os comportamentos de modo não-verbal, são caracterizados pela inabilidade do contato visual, da expressão facial, da disposição corporal e dos gestos. Os comprometimentos a nível comportamental referem-se basicamente aos movimentos corporais estereotipados e repetitivos, insistência em seguir rotinas, e quando quebradas, há intenso choro (CAMARGO; BOSA, 2009; LAMPREIA et al., 2010 *apud* SANTOS; BATISTA, 2016, p. 3)

Por estes motivos, o processo de alfabetização se torna um desafio, pois o aluno precisa sentir confiança nos profissionais que vão ajudá-lo. Segundo Silva, Gaiato e Reveles (2012 *apud* FREITAS; MONTALVÃO, 2021), a fase da alfabetização para a criança com TEA é uma época que possui grandes obstáculos, pois alguns têm hiperlexia, aprendendo a ler sozinhos, até mesmo antes da fase da alfabetização, enquanto muitos vão precisar da ajuda psicopedagógica. Antes da criança com TEA ser alfabetizada, ela necessita aprender a ficar sentada, permanecer na sala de aula, reconhecer e distinguir letras, marcar as iguais e as diferentes, sendo isto um pré-requisito para começar a aquisição da leitura e da escrita.

Diante disso, percebe-se que a falta de informação faz com que muitos professores acabem rotulando seus alunos, considerando apenas o que eles não conseguem fazer e assim, concluindo que não conseguirão atingir a aprendizagem/alfabetização dessas crianças.

Para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação dessas crianças. Tal conhecimento deveria ser efetivado no processo de formação desses profissionais, sobretudo dos professores que atuam no ensino fundamental (SILVA; BROTHERHOOD, 2009, p. 3 *apud* BATTISTI; HECK, 2015)

Para o educador que recebe a criança com autismo em sua sala de aula, é extremamente válido que ele tenha conhecimentos sobre o transtorno, porque assim seu conhecimento lhe guiará a traçar caminhos mais seguros sobre o trabalho que será realizado com aquela criança. Bastos (2017 *apud* FREITAS; MONTALVÃO, 2021) afirma que um dos problemas enfrentados na escola com a alfabetização de crianças com TEA é o fato de esses alunos experimentarem muita dificuldade para estabelecer socialização com os outros alunos, o que pode dificultar e restringir suas possibilidades e aprendizagens.

Vale ressaltar que cada criança reage à escola de uma forma. É importante que o educador tenha uma preparação, uma formação continuada buscando sempre ajuda, conhecimentos sobre os desafios que vêm sendo enfrentados e as possibilidades que ele tem para trabalhar com esse público. “A formação dos profissionais da educação possibilitará a construção de conhecimento para práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sócio cognitivo dos estudantes com transtorno do espectro autista” (NOTA TÉCNICA Nº 24/ 2013/ MEC/ SECADI/ DPEE *apud* BATTISTI; HECK, 2015)

Um dos fatores essenciais que auxilia e possibilita a aprendizagem da criança com TEA é a parceria escola e família, isso só traz benefícios ao aluno promovendo uma aprendizagem significativa.

A escola precisa estar em permanente interlocução com a família. Além de todos os benefícios inerentes a essa interlocução, isso poderá contribuir para que, juntos, a família e os profissionais da escola possam compreender mais rapidamente os motivos para eventuais retomadas pela criança de reações que já haviam sido superadas. (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010, p. 25 *apud* BARRETO, 2021)

Além da família e escola é muito importante acompanhamento com outros profissionais. “[...] profissionais de educação, fonoaudiólogos, psicopedagogos, pediatras, neurologistas, terapeutas ocupacionais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do aluno autista”. (BARRETO, 2021).

De acordo com Santos, Araújo e Costa (2018):

O processo de alfabetização é algo complexo e que deve ser contextualizado e problematizado juntamente com as crianças, partindo da realidade em que o aluno está inserido, ou seja, o de leitura do mundo no qual os autores denominam de letramento, já o processo de decodificação de sons e sílabas, muitos autores defendem como alfabetização, em sentido restrito. (SANTOS; ARAÚJO, 2018)

Diante do que foi descrito por autores pudemos ver que alfabetizar é um processo desafiador quando não se tem ajuda de uma equipe multidisciplinar. A alfabetização é etapa bastante trabalhosa onde requer muito empenho do professor quanto do aluno. Segundo Miranda et al. (2019), o processo alfabetizador de uma criança com TEA é árduo como seria com qualquer outra criança, porém devemos ter em mente que essas crianças possuem problemas no processo das relações

sociais, afetando assim a comunicação seja ela por meio da comunicação verbal ou não verbal o que vai interferir no seu processo de aprendizagem/alfabetização.

Outro fator muito importante é o ambiente que acolherá a criança autista, ele precisa ser propício, possuir condições adequadas a atender as necessidades do aluno. De acordo com marcos político-Legais da educação especial na visão da educação inclusiva, relata que:

Os sistemas de ensino devem organizar as condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção da aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos. (BRASIL, 2010, p.24 *apud* BATTISTI; HECK, 2015)

Uma escola acolhedora, acessível, bem conservada, com profissionais qualificados e que possui recursos didáticos para trabalhar com seu aluno faz com que a aprendizagem flua de forma relevante, além de fazer com que o aluno se sinta bem no espaço.

Quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo para todas as crianças. Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral do sistema social e escolar para que a inclusão se efetive. (CAMARGO; BOSA, 2009, p.70 *apud* BATTISTI; HECK, 2015)

A escola é um grande marco na vida da criança que pode ser visto para ela como algo positivo ou negativo dependendo de como foi passado para criança, por isso é necessário reavaliar os seus princípios e passar a ter um olhar afetivo para o aluno.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Segundo Cunha (2020), quem atua na educação de alunos com autismo, com deficiência, transtornos comportamentais ou dificuldades de aprendizagem descobre que mesmo uma pessoa com limitações (Quem não as tem? Todos têm!) não é desprovida de talento natural. E estimular esse talento, desenvolvê-lo, fazer relações educacionais entre áreas carentes do indivíduo e habilidades e papel da escola. Este é um ponto em que o trabalho pedagógico se revela afetivo, pois naturalmente esses alunos são prodigiosos nas habilidades que mais amam.

É necessário pesquisar e entender os mecanismos que estão presentes quando o aluno com espectro autista adquire conhecimento. Como ele aprende?

Após observá-lo para conhecê-lo melhor pode-se elaborar um conjunto de atividades pedagógicas que lhe sejam funcionais, isto é, nas quais ele encontre sentido para aprender.

Através da presente pesquisa foi possível verificar que existem diversas metodologias eficazes que contribuem no desenvolvimento da alfabetização da criança autista. Um dos métodos muito válido e utilizado para crianças com TEA em processo de alfabetização é o método fônico. Segundo Paula et al. (2021), o método fônico de alfabetização é o sistema que consiste em ensinar os sons da primeira letra de cada palavra. A partir daí a pronúncia completa do vocabulário é construída a partir da mistura de cada som, permitindo que a criança leia toda e qualquer palavra. A autora cita mais que é uma relação direta entre fonema e grafema, ou seja, entre o som da fala e a escrita [...] o ensino se inicia pela forma e pelo som das vogais, seguidas pelas consoantes.

Sobre a eficácia do método Paula et al. (2021) diz que, há na literatura médica, uma série de contribuições que evidenciam a eficácia do método fônico. O especialista Dr. Fernando Capovilla afirma que o método fônico é ideal por mapear a fala. Ao falar especificamente da aquisição da leitura, e com base em fundamentos neuropsicológicos, estudos demonstram que existe um caminho neuropsicológicos, estudos demonstram que existe um caminho neurológico (sequência de processamentos) já programado para esta atividade – processamento *botton – up* – em que a decodificação ocorre das partes para o todo. O que se leva a entender que, para alfabetizar uma criança, o método mais proveitoso seria aquele que considera a predefinição biopsicológica ao qual o cérebro está preparado, que seria o método fônico.

De acordo com Capovilla e Capovilla (2007 *apud* Paula et al. 2021) defendem em seus estudos que pesquisas têm mostrado uma superioridade de métodos pautados na relação fonema – grafema, denotando-os como de maior eficácia para a alfabetização.

Sobre isso, percebemos que o método fônico é o mais ideal para trabalhar com os alunos com TEA. Esse método alfabetiza utilizando os sons das letras o que facilita muito o raciocínio do aluno promovendo um melhor desenvolvimento neurológico. É interessante porque esse método associa o estímulo visual ao som o que chama muita atenção das crianças com TEA.

Um recurso pedagógico muito proveitoso para contribuir no processo de alfabetização é a musicalização. De acordo com Miranda et al. (2019), [...] a música como fonte de aprendizagem, uma vez que a professora poderá se apropriar do som para explicar conceitos como: aliterações, consoantes surdas, sonoras, para que assim o aluno não confunda determinados sons, vindo a escrever ou falar de forma equívoca. A música como já mencionado pode ser um grande aliado da professora, uma vez que a alfabetização combina com diversão.

A música é uma ótima alternativa porque atrai a criança e através dela o professor pode trabalhar as letras, vogais, músicas do alfabeto e usar sua criatividade. Interessante associar também a música com figuras e imagens concretas para chamar mais atenção do aluno.

Com relação a leitura Gomes (2015) relata que, leitura é uma habilidade complexa que envolve uma série de aspectos e etapas que devem ser ensinados um a um em pequenos passos. O ensino desses passos deve ser gradativo e sistemático, começando das habilidades mais simples até as mais complexas. Outro aspecto importante sobre o ensino de leitura para pessoas com autismo é que os procedimentos devem focar tanto no ensino de leitura oral quanto no ensino de leitura com compreensão.

Gomes (2015) sugere algumas atividades iniciais para a leitura do aprendiz autista que são: 1 – emparelhamento com modelo por identidade entre figuras de formatos diferentes e; 2 entre figuras de formatos iguais (relacionar figuras idênticas); 3 – emparelhamento com o modelo por identidade entre palavras impressas (relacionar palavras impressas idênticas); 4 – emparelhamento com o modelo arbitrário entre figuras e palavras impressas e; 5 – entre palavras impressas e figuras (relacionar palavras escritas com as suas figuras correspondente); 6 – identificação de figuras em ditado (selecionar a figura correta, frente a apresentação de várias figuras, após o educador falar o nome da figura); 7 – identificação de letras em ditado (selecionar a letra correta, frente a apresentação de várias letras, após o educador falar o nome da letra); 8 – identificação de palavras em ditado (selecionar a palavra escrita correta, frente a apresentação de várias palavras escritas, após o educador falar a palavra) 9 – nomeação de figuras (falar o nome correto da figura após a apresentação da figura pelo educador); 10 – nomeação de vogais (falar o nome correto da vogal após a apresentação da letra escrita pelo educador); 11 – nomeação de letras (falar o nome correto da letra após a apresentação da letra

escrita pelo educador); 12 – nomeação de sílabas simples (ler oralmente a sílaba após a apresentação da sílaba escrita pelo educador); 13 – nomeação de palavras (ler oralmente a palavra após a apresentação da palavra escrita pelo educador). Você pode oferecer ao aprendiz atividades semelhantes às descritas e avaliar quais ele é capaz de fazer e quais ele ainda não é capaz; essas informações o auxiliarão a se decidir por onde começar e qual o caminho a seguir.

É interessante essas alternativas de atividades que Gomes (2015) sugere porque o professor vai sondando/medindo o conhecimento do aluno e assim o educador vai ajustando a atividade de acordo com a necessidade daquele aluno. Nem sempre a atividade que é elaborada para determinado aluno irá servir para o outro, isso depende muito da cognição e maturidade de cada aluno.

De acordo com Miranda et al (2019), devemos ensinar as letras, os fonemas e grafemas para seguir as frases orações e partes mais complexas da gramática. Na rotina de leitura é válido criar histórias com coisas que a criança goste, seja cor, objeto ou pessoas.

Nesse processo de alfabetização para Miranda et al (2019) precisamos seguir etapas, das mais fáceis à mais difíceis e explorar o mundo da imaginação trazendo nele o que a criança mais gosta. O professor precisa conhecer seu aluno para saber o que mais chama sua atenção.

Outro ponto importante que ajuda muito nesse processo de aprendizagem é o acervo artístico. Como diz Miranda et al (2019), explorar o acervo artístico dos alunos e alunas é um ponto positivo, como a pintura, a dança, o desenho, desenvolvendo com elas caminhos para a alfabetização. A professora pode expor um desenho, por exemplo, e solicitar que o aluno escreva a primeira letra do objeto da imagem. Ou pedir que eles/elas escrevam seus nomes e os desenhe, ou desenhe seu colega de classe. Dessa forma, trabalharemos a linguagem sem propriamente separar um tempo ou parte da aula para ensinar as letras por exemplo.

É interessante porque o professor pode usar sua criatividade e trabalhar outros conteúdos em cima da arte. O acervo artístico traz para a aula uma ludicidade bem legal, que é muito bom para os alunos com TEA. É extremamente importante o professor possibilitar que os alunos conheçam novas artes e explorem esse mundo.

Os jogos também têm uma grande funcionalidade no processo de aprendizagem. Segundo Miranda et al. (2019), os jogos são aliados no processo de ensino/aprendizagem, além de sair da monotonia do método tradicional, que a

professora faz com que os alunos decorem as letras e algum objeto que faça referência dessa letra e assim acabe caindo no “decorar” sem muita funcionalidade, uma vez que as crianças apenas decorem e não sabem expor palavras diferentes quando se solicita uma letra. A professora deve ter em mente que o processo de escrita é mais demorado que a leitura e o reconhecimento grafo/sonoro das letras. Algumas crianças com TEA apresentam a escrita espelhada e há atividades específicas para esse tipo de dificuldade que aparece na vida escolar das crianças.

O pensamento de Miranda et al (2019) sobre os jogos é importante porque os jogos na aprendizagem oferecem grandes benefícios. Os jogos conseguem proporcionar um momento mais divertido, assim aumenta o interesse do aluno pela atividade. O professor pode aproveitar essa oportunidade para aplicar seus conteúdos através dos jogos. Além dos conteúdos propostos pelo professor o aluno aprenderá a ter respeito as regras, estimulará sua memorização, imaginação e concentração.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em virtude do que foi pesquisado, vimos que alfabetizar o aluno com TEA é um processo desafiador por ele ter dificuldades no comportamento, comunicação e interação social o que dificulta muitas vezes a adaptação na escola. Além de muitos carregar consigo dificuldades intelectuais que precisa ser necessário ajuda multidisciplinar. Diante do que os autores podem afirmar o autismo não tem cura, mas existe tratamentos que conseguem oferecer uma melhor qualidade de vida para a criança.

Observamos a necessidade de mais professores capacitados para trabalhar com esse público, pois muitos tem bastante dificuldades por não ter conhecimento sobre o transtorno e como trabalhar com eles. Analisamos que a parceria entre escola e família deve ser constante para que a aprendizagem da criança ocorra.

Vimos que existem diversas metodologias eficazes que contribui no desenvolvimento da criança, o método fônico, musicalização entre outros. O professor precisa usar sua criatividade e através de um recurso didático conseguirá ensinar diversas outras coisas.

Concluímos que essa pesquisa bibliográfica logrou êxito na sua intenção de contribuir na formação dos educadores sendo um instrumento norteador e das gerações futuras, que através desse trabalho possa despertar em outras pessoas o amor e interesse pela educação especial.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Gabriele Fernanda Cordeiro; FRANÇA, Gustavo Thayllon. Processo de Alfabetização de crianças diagnosticadas com transtorno do Espectro do Autismo. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 9, n. 18, p. 188-203, 2020.
- BARRETO, Mayra Ferreira. Alfabetização e letramento de alunos com transtorno do autismo (TEA). *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 4., 2021, Sergipe. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2021.
- BATTISTI, A. V.; HECK, G. M. P. **A inclusão escolar de crianças com autismo na escola**. Chapecó: UFFS, 2015.
- BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação nacional, **LDB**. 9394/1996. BRASIL.
- BRITES, Clay; BRITES, Luciana. **Mentes únicas**. 4. ed. São Paulo: Gente, 2019.
- CARDOSO, A. A. et al. Transtorno do espectro do autismo. Porto Alegre: **SBP**, 2019, p. 1 – 24.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: Psicopedagogia práticas educativas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola**. 6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2020.
- DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. C.; SANTOS, M. A. P. **Ética em pesquisa científica: conceitos e finalidades**. São Paulo: UNESP, 2014.
- FREITAS, M. C. M. A.; MONTALVÃO, D. C. P. Desafios na alfabetização de crianças com TEA. **Anais da X Mostra Científica do Curso Pedagogia da Unievangélica**, Anápolis, v. 6, n. 1, p. 55-67 jun. 2021.
- GOMES, Camila Graciella Santos. **Ensino de leitura para pessoas com autismo**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2015.
- HELENO, Ana L. Z. L.; et al. TEA – **Transtorno do espectro autista: conceitos e intervenções da saúde e da educação**. São Paulo: UNIMES, 2020.
- MIRANDA, Beatriz de Melo; et al. Desafios no processo de ensino/aprendizagem na alfabetização de uma criança com TEA. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. **Anais** [...]. Campina Grande: Realize, 2019.

PAULA, I. A. O. de; et al. Aquisição de leitura em crianças com TEA e o método fônico. **VOX metropolitana**, Pernambuco, v. 1, n. 4, p.12-23,2021.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Lumen**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 1-23, jul./dez. 2017.

QUEIROZ, Schirlene Maria de Andrade; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **Mediação docente na alfabetização do aluno com TEA**: Um olhar sobre as estratégias pedagógicas na produção de texto escrito. Recife: UFPE, 2018.

SANTOS, A. T. de S. S.; ARAÚJO, D. K. P. de; COSTA, M. da V. G. Possibilidades e desafios da alfabetização: relato de experiência de uma docente dos anos iniciais do ensino fundamental. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 3., 2018, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2018.

SANTOS, Vanessa Nicolau Freitas dos; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira. Autismo, educação e afetividade: Um diálogo a partir das contribuições de Vygotsky, Wallon e Bowlby. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2016.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Caderno da Fucamp**, Uberlândia, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SOUZA, M. E. da S. S.; MARQUES, T. L. L.; PEREIRA, A. M. A. A alfabetização de crianças autistas através da ludicidade. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018, Pernambuco. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize, 2018.